



DESENHO

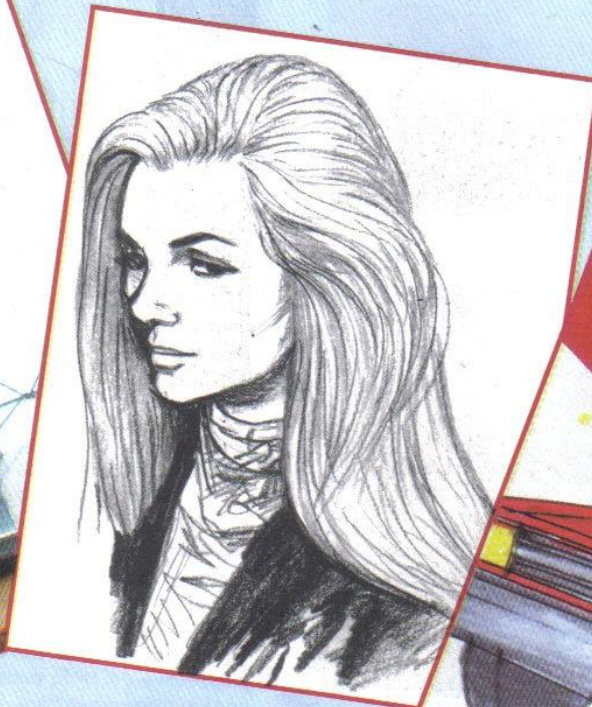
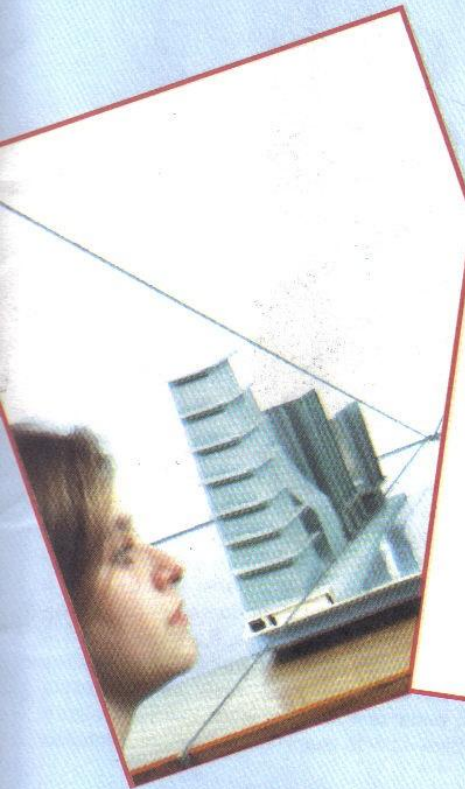
ARTÍSTICO

-PUBLICITÁRIO-

PINTURA

CURSO DO INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

4



DESENHO DO NATURAL

- PERSPECTIVA II
- O HORIZONTE GEOGRÁFICO
- O HORIZONTE DO DESENHISTA
- POSIÇÃO DOS OBJETOS EM RELAÇÃO À L.H.
- O PONTO DE FUGA
- RELACIONAMENTO ENTRE RETAS
- DESENHO DE UM OBJETO EM PERSPECTIVA DE 1 P.F.

DESENHO ARTÍSTICO

- AS EXPRESSÕES FISIONÔMICAS
- O DESENHO DA CABEÇA FEMININA

PERSPECTIVA II

O HORIZONTE GEOGRÁFICO

O conhecimento e identificação da Linha do Horizonte é muito importante para que se possa entender a perspectiva como a técnica responsável pela representação dos objetos tridimensionais, (de três dimensões: comprimento, largura e altura).

Antes de nos aprofundarmos no estudo da Linha do Horizonte, vamos conhecer o horizonte geográfico, que ao ar livre, na Natureza, é a linha imaginária que parece limitar a terra e o céu, numa planície, ou a terra e a água numa vista ao longe.

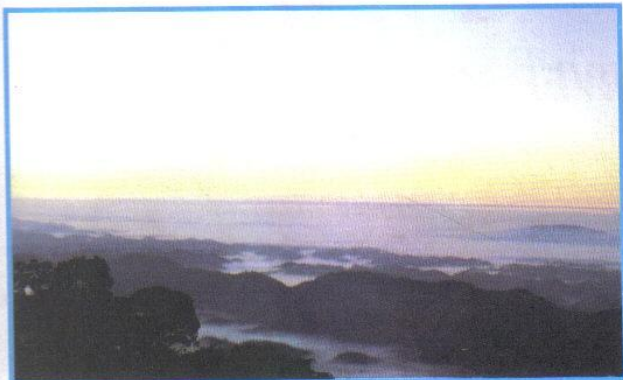


Foto 1 - Linha do horizonte limitando o céu e a terra.

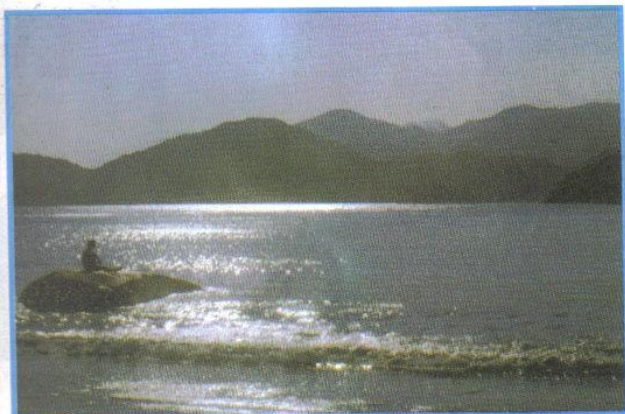


Foto 2 - Linha do horizonte limitando a terra e a água.

Muitas vezes existem obstáculos que impedem a visão da Linha do Horizonte; mas, agora que já a conhecemos, certamente a identificaremos, mesmo que algo esteja à sua frente. Na foto 3 vemos uma **maquete** (miniatura), de uma cidade, onde observamos a **Linha do Horizonte** e as Linhas Fugantes que dão a aparência afunilada aos objetos vista em perspectiva. Esse afunilamento para o centro é constatado na foto 4, onde se observa essa característica marcante da perspectiva de **um ponto de fuga** (1 P.F.).

O HORIZONTE DO DESENHISTA

Depois de termos verificado a existência da Linha do Horizonte Geográfico existente na natureza, vamos agora conhecer, também de uma forma imaginária, a Linha do

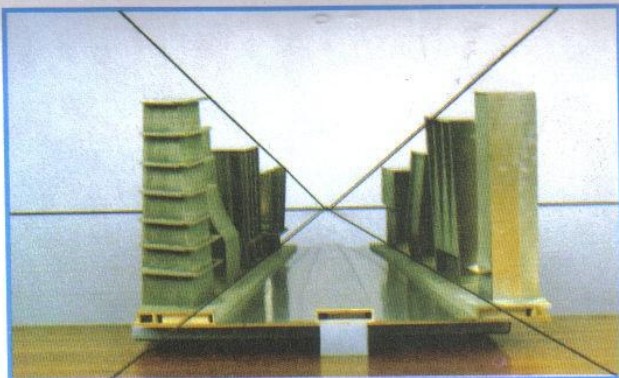


Foto 3 - Maquete.

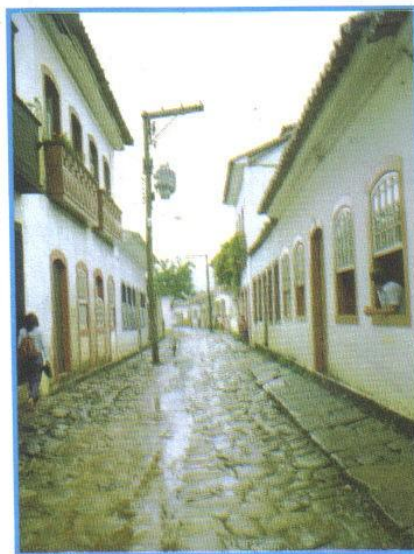


Foto 4 - Exemplo de afunilamento.

Horizonte do próprio desenhista, que passa à altura dos seus olhos. Na foto 5, temos na montagem fotográfica a Linha do Horizonte da desenhista mostrada com clareza.

Para o desenhista, identificar a sua Linha do Horizonte é um detalhe importante, pois ela tem uma grande responsabilidade na representação dos objetos. Saber ver o objeto a ser desenhado e reconhecer os detalhes do seu perfeito posicionamento em relação à Linha do Horizonte, é a primeira atitude que o desenhista deve tomar, antes de colocar os primeiros traços no papel. Na foto 6, apresentamos mais um exemplo da perspectiva de 1P.F. onde se notam as linhas que compõem o cenário dirigindo-se para o ponto imaginário P.F. sobre a linha do horizonte ao longe.

POSIÇÃO DOS OBJETOS EM RELAÇÃO À LINHA DO HORIZONTE

Para efeito de estudo, vamos chamar a Linha do Horizonte de L.H., que corresponde a abreviação das duas palavras.

Os objetos apresentam **três** posições diferentes em relação a L.H.: na, ou sobre L.H., acima da L.H. e abaixo da L.H.

O OBJETO, NA OU SOBRE A L.H.

Nesse caso o desenhista vê a parte **frontal** (da frente), ou **lateral** (do lado), do objeto.

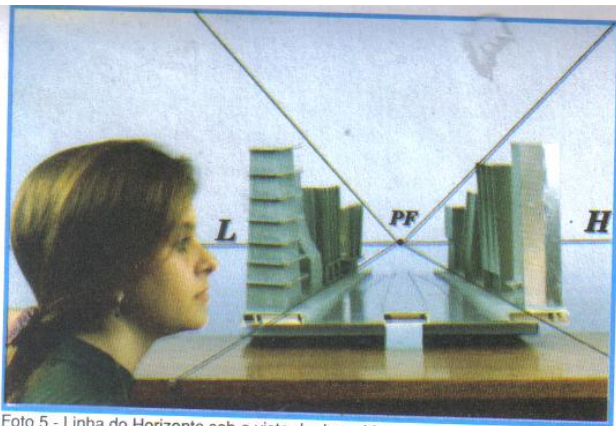


Foto 5 - Linha do Horizonte sob a vista do desenhista.

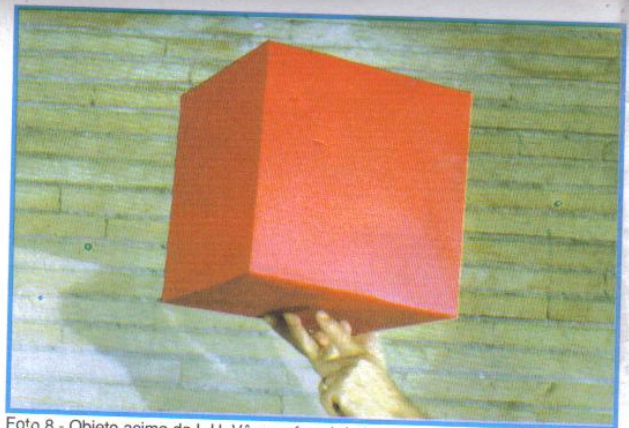


Foto 8 - Objeto acima da L.H. Vê-se a face inferior.



Foto 6 - Perspectiva de 1 P.F.

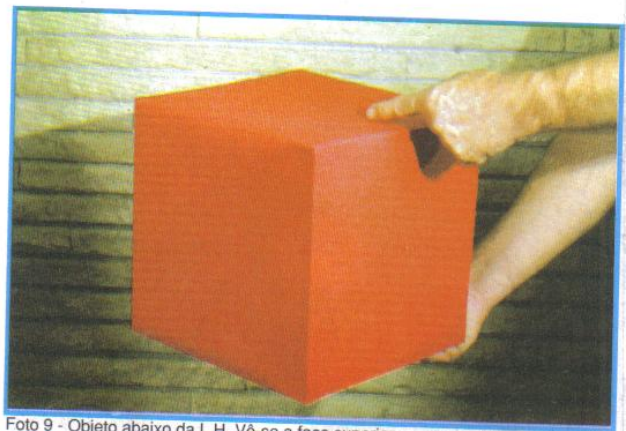


Foto 9 - Objeto abaixo da L.H. Vê-se a face superior.

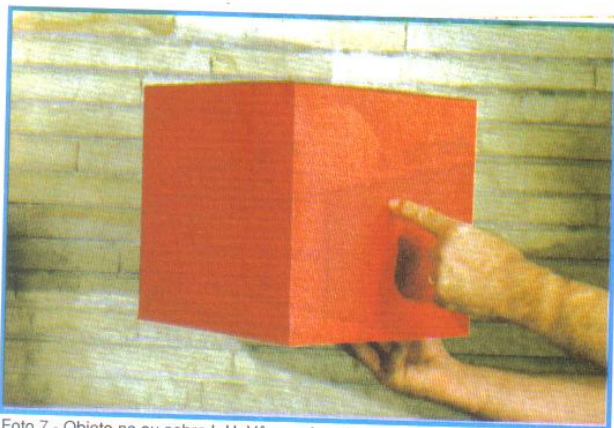


Foto 7 - Objeto na ou sobre L.H. Vê-se a face lateral.

O OBJETO ACIMA DA L.H.

Neste posicionamento, o desenhista vê a parte **inferior** (de baixo), do objeto.

O OBJETO ABAIXO DA L.H.

A posição do objeto colocado abaixo da L.H., permite a visão da parte **superior** (de cima), do objeto.

A perfeita identificação do **posicionamento** correto do objeto, aliada ao conhecimento da **forma**, onde o desenhista verifica sua relação com os sólidos geométricos, e a correta representação do volume, obtida pela utilização dos valores tonais, através do sombreamento, certamente levarão à execução de um bom desenho. Unindo-se essas três técnicas à **PERSPECTIVA**, que será o recurso principal responsável pela ilusão de profundidade teremos um trabalho perfeito.

Para concluirmos a correta interpretação do posicionamento dos objetos em relação a L.H., vamos analisar na foto 10 um objeto sendo observado pelo desenhista a 80 centímetros do chão, na foto 11, a 1,50 metros do chão e na foto 12 a 2,20 metros do chão. Notamos nessas três fotos que o mesmo objeto apresenta formas diferentes.

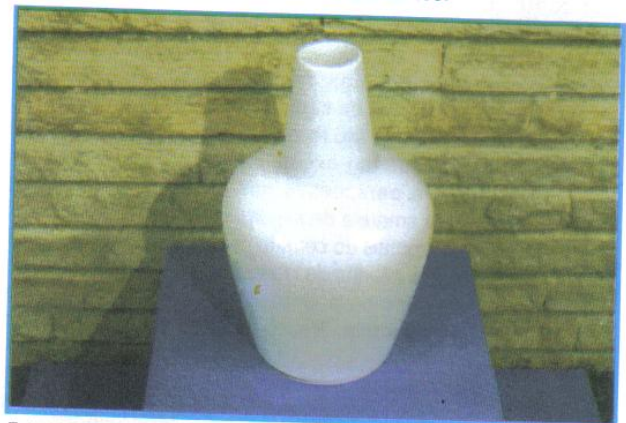


Foto 10 - Nesta seqüência de fotos (10 a 13) vemos: aqui um objeto observado a 80 cm...

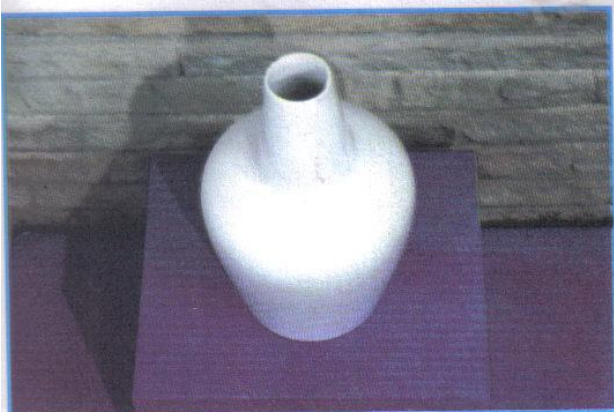


Foto 11 - ... agora a 1,50 m e ...



Foto 13 - Sensação de profundidade.



Foto 12 - ... nesta foto a 2,20 m.

A conclusão que podemos tirar dessa análise, é que o mesmo objeto, ao ser representado dará origem a desenhos diferentes no momento em que o desenhista modificar o seu ângulo de visão.

PONTO DE FUGA

O ponto ou pontos imaginários situados na Linha do Horizonte (L.H) para onde o prolongamento das linhas paralelas das laterais dos objetos parecem **convergir** (dirigir-se ao mesmo ponto), quando vistas em perspectiva, chamam-se Ponto ou Pontos de Fuga. As linhas convergentes que se dirigem ao, ou aos pontos de fuga, chamam-se **fugantes**.

Os pontos de fuga são reconhecidos pela sua abreviação P.F. Na foto 13 temos um exemplo prático da sensação de profundidade que a perspectiva nos oferece. As linhas de composição, a faixa amarela de segurança, as luminárias, enfim todas as linhas horizontais do cenário convergem para um ponto de fuga situado sobre a Linha do Horizonte.

Na figura 1 vemos a vista lateral de um objeto **não colocado em perspectiva**. Nesse caso as retas **A e B** são **paralelas**.

Na figura 2, vemos a mesma vista lateral de um objeto colocado em perspectiva onde observamos que as retas **A e B** deixam de ser paralelas e convergem para o ponto de fuga

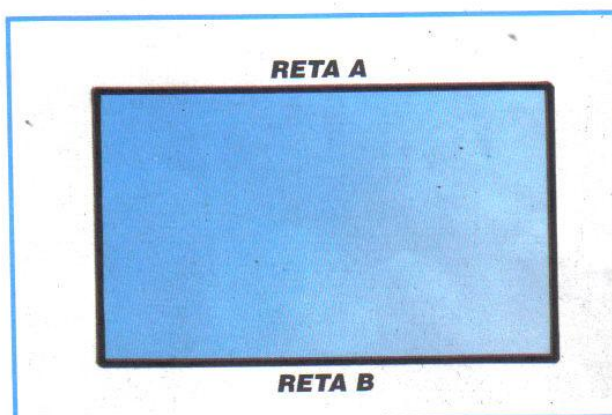


Figura 1 - Uma vista lateral sem perspectiva.

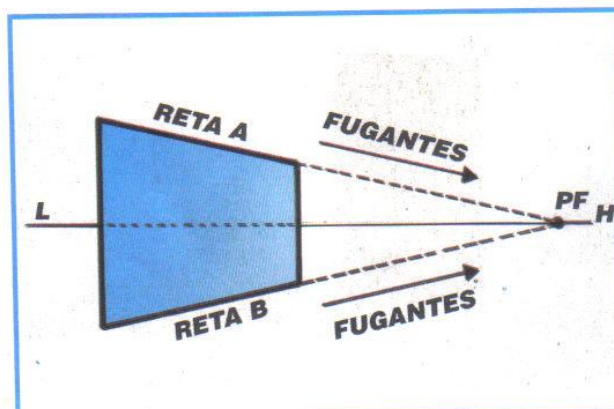


Figura 2 - Vista lateral em perspectiva.

situado sobre a Linha do Horizonte.

Antes de continuarmos nossos estudos sobre perspectiva, vamos recordar a posição das retas, que é um detalhe muito importante para que possamos compreender as próximas explicações.

Assim, temos na figura 3 as retas verticais que se apresentam em pé, como um poste ou o mourão de uma cerca de arame.

Neste caso as retas **A, B e C**, são verticais.

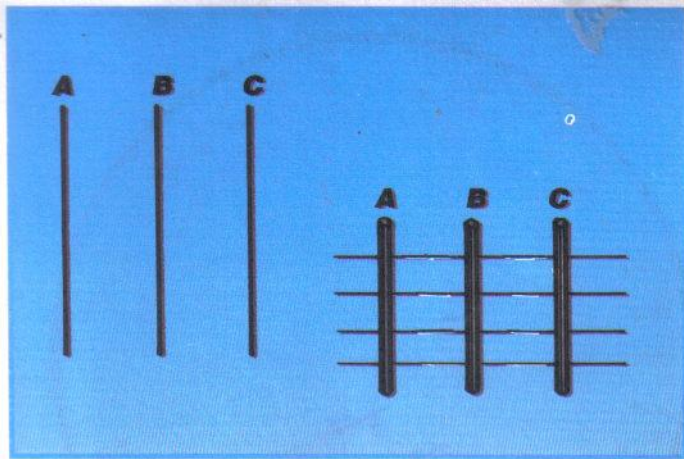


Figura 3 - Exemplos de retas verticais.

Na figura 4 temos as retas horizontais A, B, C, D e considerando-se o mesmo exemplo, onde as retas horizontais são representadas pelos arames da cerca.

Ainda nesse exemplo, podemos dizer que as retas citadas também são paralelas, pois mantêm a mesma distância entre si.

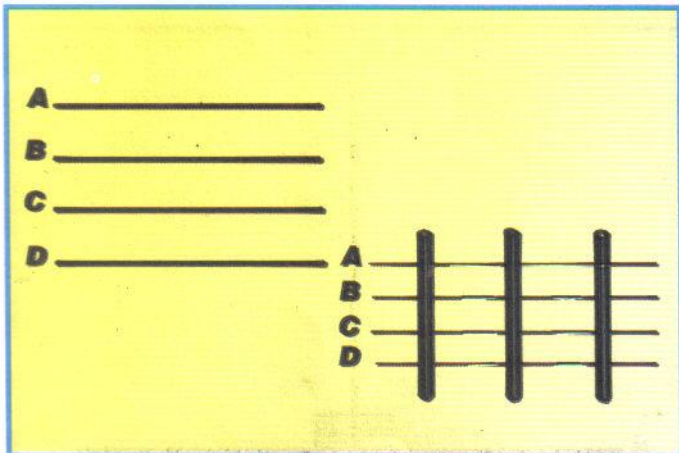


Figura 4 - Exemplos de retas horizontais.

Na figura 5, temos em exemplo de reta inclinada representada pelo corrimão da escada.

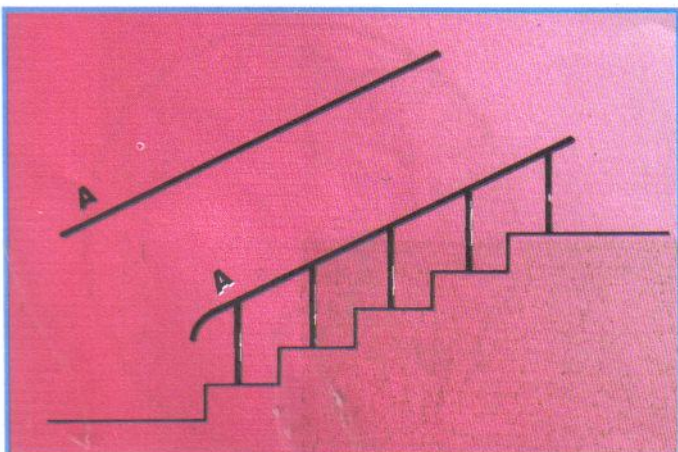


Figura 5 - Reta inclinada, exemplo.

RELACIONAMENTO ENTRE AS RETAS

Para compreendermos o relacionamento entre as retas, é necessário recordar a circunferência e reconhecer as retas existentes no seu interior. Vejamos a figura 6, onde a reta que parte do seu centro e atinge o seu limite para a direita chama-se **RAIO**. Vamos chamar o centro da circunferência de **O** e o ponto do seu limite de **A**. Assim o nome ou denominação do **RAIO** fica sendo **OA**.

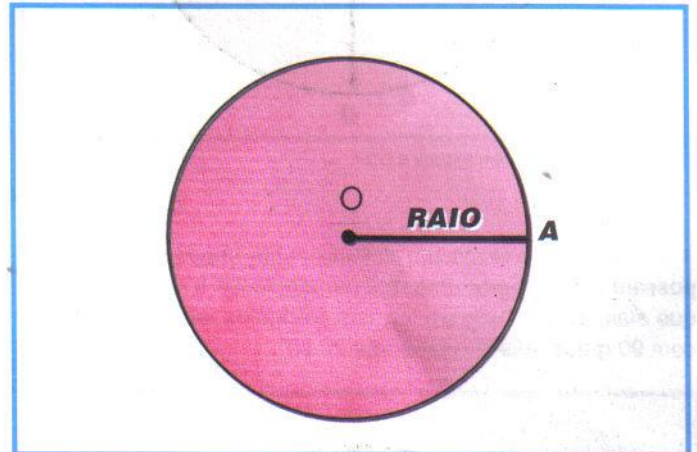


Figura 6 - Circunferência com o raio marcado.

Se prolongarmos o raio **OA** para a esquerda até atingirmos o limite da circunferência, teremos um outro **RAIO OB**.

Quando dois raios estão na mesma direção formando uma mesma reta que liga as duas extremidades da circunferência e passando pelo seu centro estamos diante do **DIÂMETRO**, que também divide a circunferência em duas partes iguais, observe na figura abaixo.

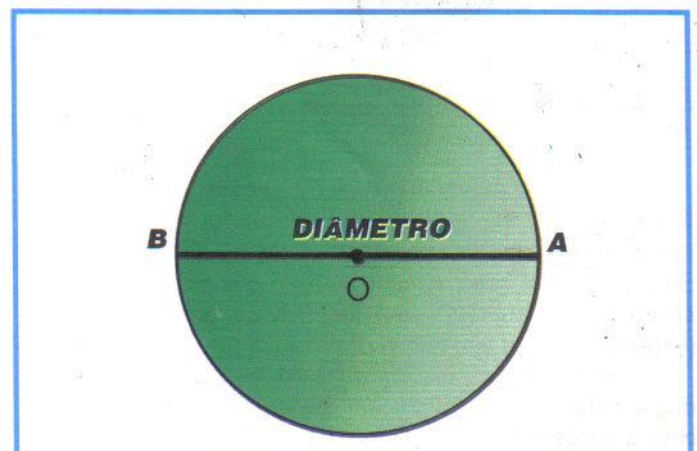


Figura 7 - Diâmetro.

Agora, se resolvermos dividir a circunferência em 4 partes iguais, através de um outro diâmetro, temos o primeiro relacionamento entre duas retas conhecido por perpendicularismo obtido, logicamente, por duas retas perpendiculares; ver figura 8.

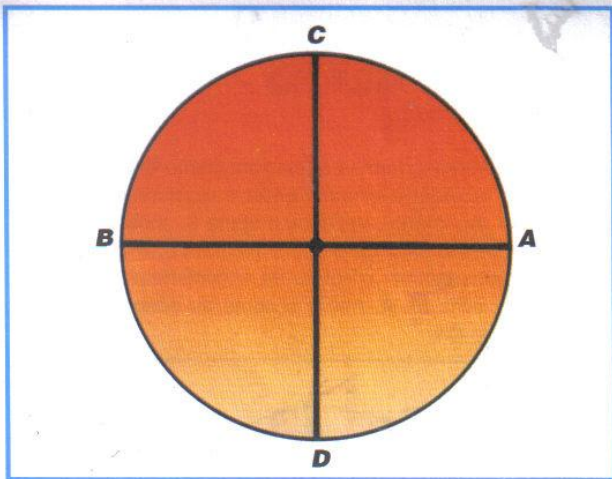


Figura 8 - Será AB perpendicular à CD?

Contudo, existe um detalhe muito importante para que possamos considerar uma reta perpendicular à outra. É preciso que elas, ao se cruzarem formem 4 ângulos retos ou 4 ângulos com 90 graus, assim representado: 90° .

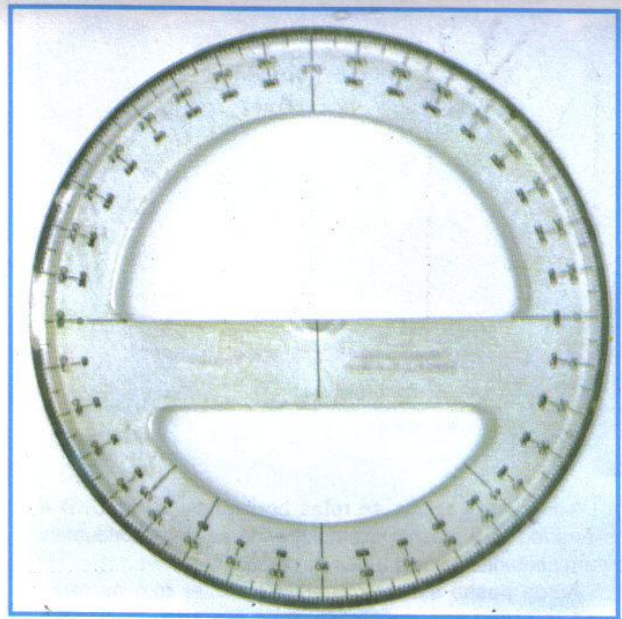


Foto 14 - Transferidor com suas 360 partes iguais.

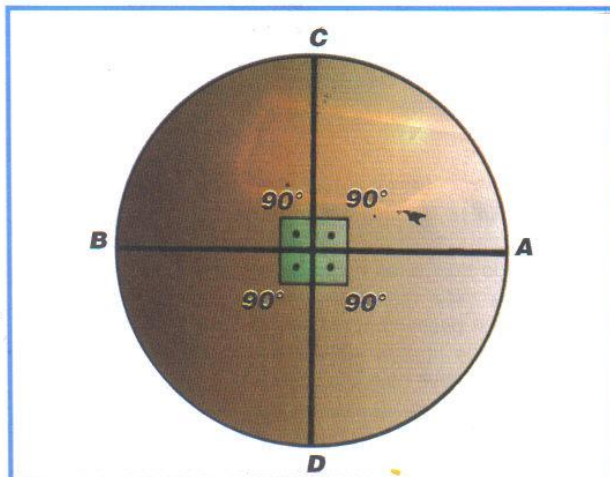


Figura 9 - Circunferência com retas perpendiculares traçadas formando ângulos retos, ou de 90° .

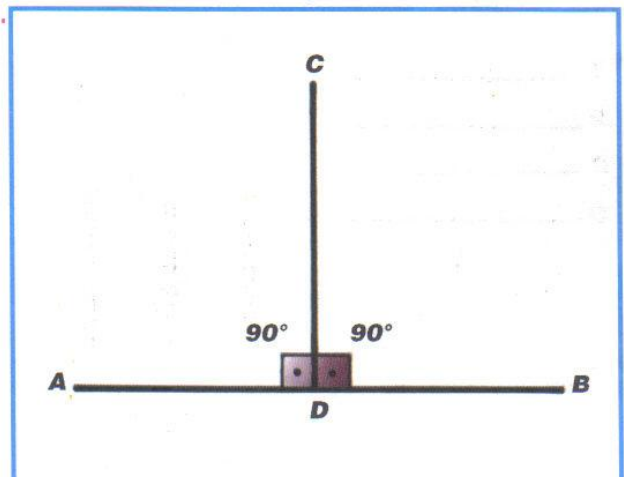


Figura 10 - Formação de 2 ângulos de 90° .

Agora você certamente estará se perguntando. Por quê 4 ângulos de 90 graus? Em resposta, temos que a circunferência foi dividida em 360 partes iguais tomando cada parte o nome de grau; no momento em que os dois diâmetros se cruzam estabelecendo 4 ângulos de 90 graus surge o perpendicularismo entre as duas retas.

Na foto 14 temos um transferidor que corresponde a divisão da circunferência em 360 partes iguais que são chamadas de **graus**.

Se a reta não cruzar totalmente a outra reta, apenas tocando-a, poderá haver o perpendicularismo se forem formados 2 ângulos de 90° , figura 10. Assim a reta CD é perpendicular à reta AB, pois ao tocá-la foram formados dois ângulos de 90° , também chamados de ângulos retos. Na foto 15 temos na indicação em vermelho o ângulo de 90° , cuja metade corresponde a dois ângulos de 45° .

Na foto 16 temos o ângulo de 60° e na foto 17, o ângulo de 30° .

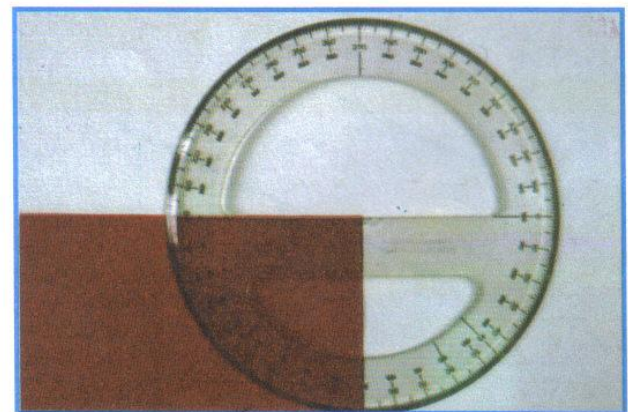


Foto 15 - Indicação no transferidor de um ângulo de 90° .

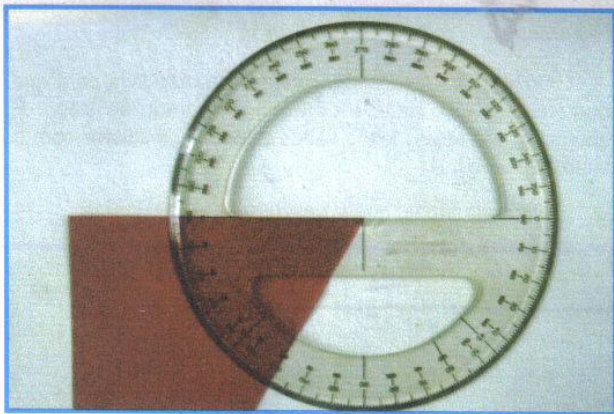


Foto 16 - Indicação no transferidor de um ângulo de 60°.

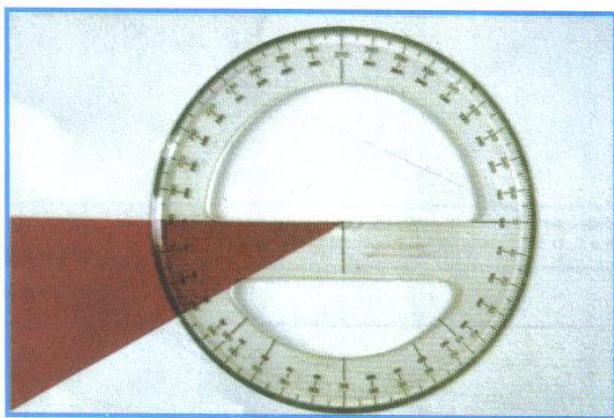


Foto 17 - Ângulo de 30°, visto no transferidor.

IMPORTANTE - Estas orientações sobre o relacionamento entre as retas podem parecer um pouco complexas considerando-se sua inclusão no desenho do natural. Contudo, é preciso analisar esses conceitos como auxílio técnico que permitirá o domínio do traçado no momento em que você for desenhar do natural.

Quando for traçada uma reta vertical, que deverá ser perpendicular à sua linha do horizonte, procure tracá-la perfeitamente vertical, lembrando que ela deve formar no cruzamento, ângulos retos.

Aqueles que desenhavam do natural, seguem estas orientações e treinam constantemente dificilmente realizam trabalhos defeituosos ou tortos.

PERSPECTIVA DE UM PONTO DE FUGA

A perspectiva de 1 P.F. apresenta duas características básicas e fundamentais que a identifica e personalisa. Assim na perspectiva de 1 P.F. ou PARALELA, as linhas horizontais do objeto e do cenário onde ele se encontra, são paralelas a L.H. figura 11. Observe que as linhas AB, CD e EF são paralelas a L.H.

Outro aspecto muito importante que deve ser observado na perspectiva de 1 P.F. refere-se a localização do P.F. na

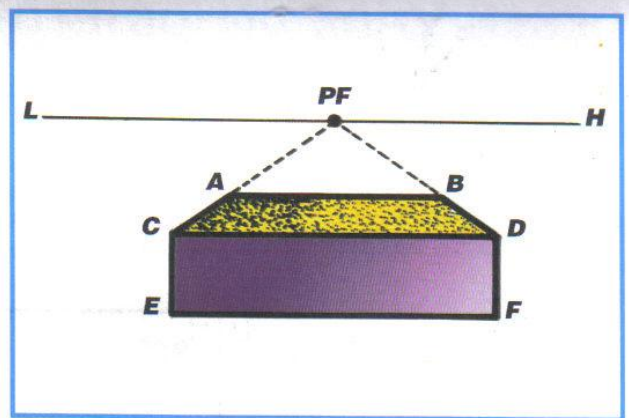


Figura 11 - AB, CD e EF são paralelas à L.H.

L.H., com relação a posição do objeto. Se o P.F. estiver localizado na área central em relação ao objeto, veremos apenas a parte superior, se o objeto estiver localizado abaixo de L.H.; ou inferior, se o objeto estiver localizado acima de L.H. As partes laterais do objeto não serão vistas conforme pode-se observar na figura 12.

As partes laterais do objeto somente serão vistas se o P.F. estiver deslocado para a direita ou para a esquerda, em relação ao objeto, figura 13.

Observe ainda, na que todas as retas horizontais são paralelas à L.H. Repare ainda que no objeto 2, colocado sobre L.H., não vemos suas faces superiores ou inferiores.

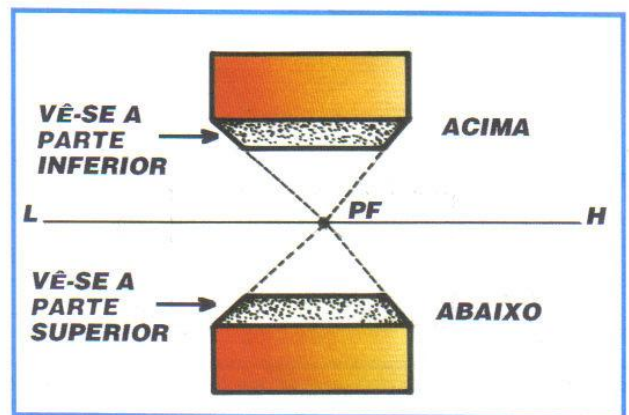


Figura 12 - Não vemos as faces laterais.

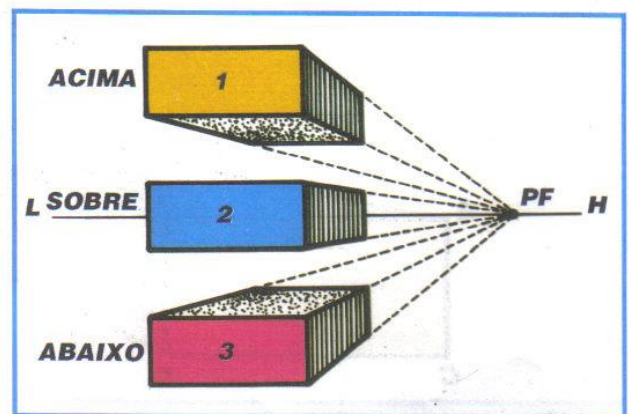


Figura 13 - Devido ao deslocamento de P.F. para a direita, vemos as faces laterais.

DESENHO DE UM OBJETO ABAIXO DA LINHA DO HORIZONTE

Vamos agora desenhar juntos, um objeto localizado abaixo da linha do horizonte. Embora aqui sejam mostradas

em 3 etapas separadamente, todas elas serão feitas num único trabalho.

O desenho deverá ser executado a mão livre para que você treine a sua visão e obtenha o domínio do traço. É importante que sejam feitos vários trabalhos, inclusive com o objeto acima de L.H.

Vamos então ao nosso desenho?

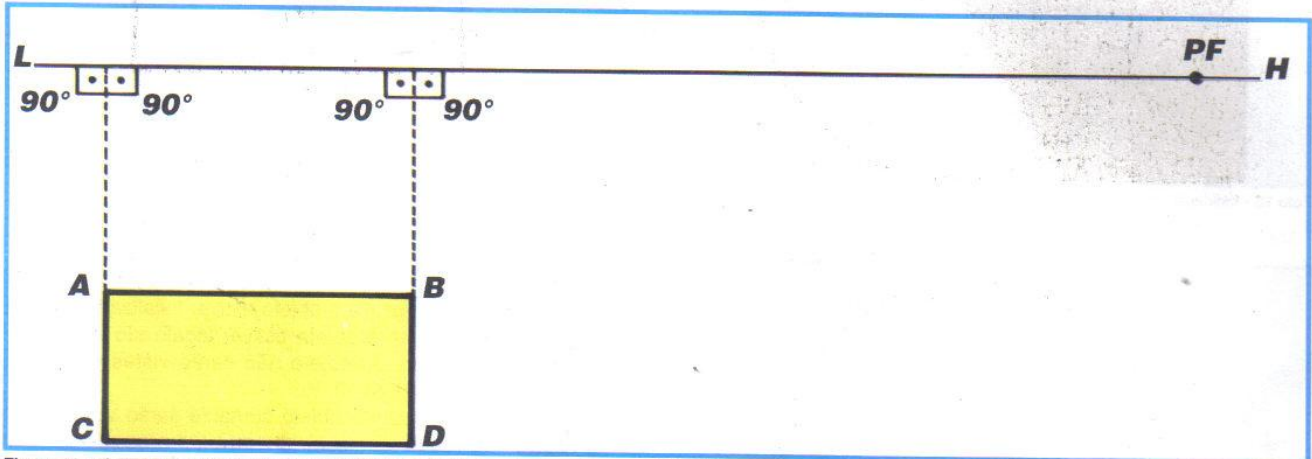
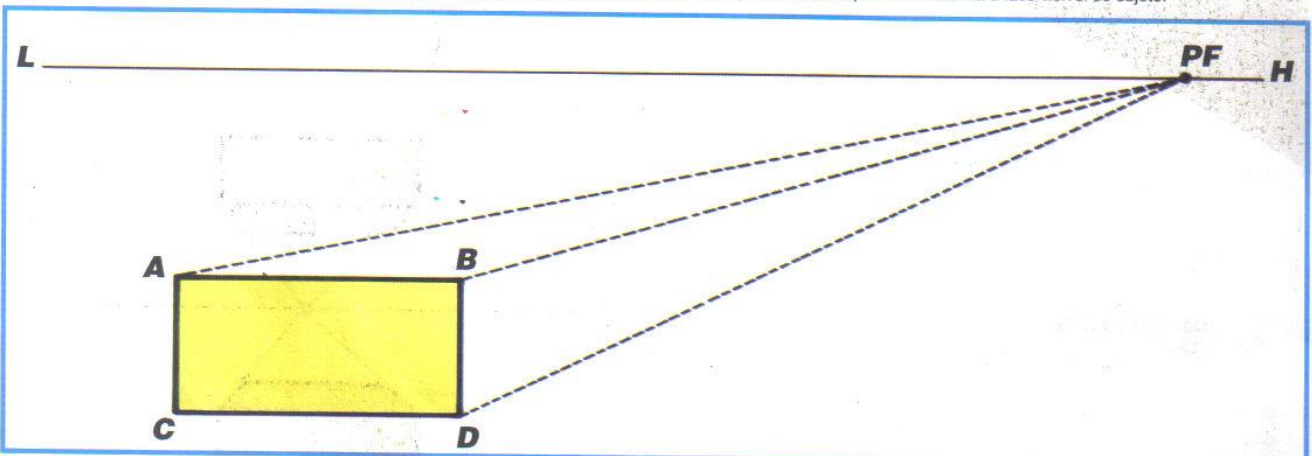
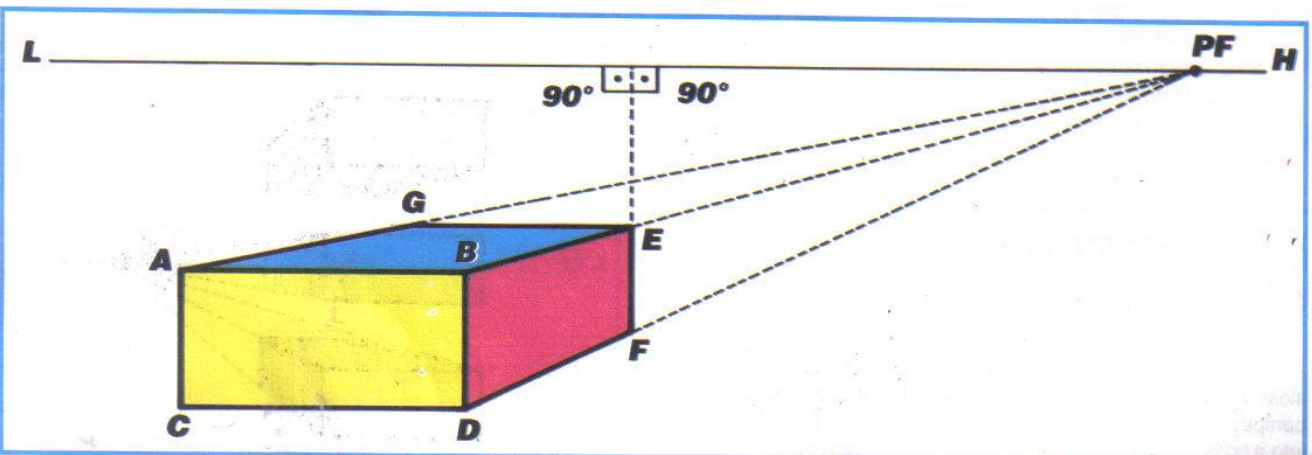


Figura 14 - 1ª ETAPA - Com o papel na posição horizontal trace a L.H. e coloque o P.F. próximo da extremidade direita de L.H. Trace duas retas verticais perpendiculares a L.H. Essas retas correspondem ao comprimento do objeto. Marque nas retas os pontos A, B e C, D. Uma esses pontos e obtenha a face visível do objeto.



2ª ETAPA - Na realidade, é a continuação do desenho. Pelos pontos A, B, C e D trace 4 fugantes que se dirigirão ao ponto P.F. Atenção! As linhas auxiliares devem ser traçadas levemente e não serão tão perfeitas como o mostrado acima, pois estarão sendo traçadas a mão livre.



3ª ETAPA - Trace agora uma reta vertical paralela a L.H. que dará origem aos pontos E e F nas fugantes B-P.F. e D-P.F. Você obteve a face lateral do objeto. Pelo ponto E trace uma reta horizontal, paralela a L.H. que vai atingir a fugante A-P.F. no ponto G. Agora você determinou a parte superior do objeto e concluiu o desenho. Note que o trabalho foi realizado sem medidas rigorosas, pois trata-se de um desenho livre para efeito de treino. Deixamos agora o sombreamento a seu critério.

DESENHO ARTÍSTICO

AS EXPRESSÕES FISIONÔMICAS

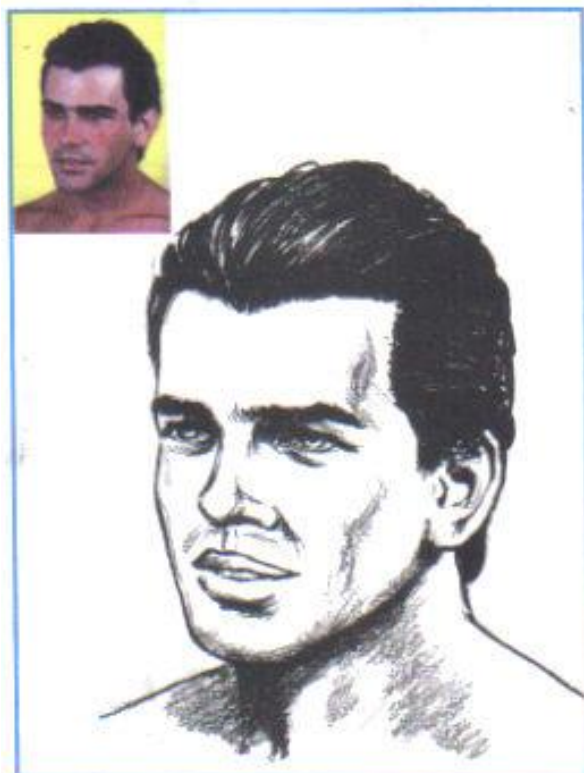


Figura 1 - Rosto sereno

Ensinamos até agora, a desenhar rostos como a foto acima: **rostos serenos**. Ao desenhar um rosto, criamos primeiro as linhas gerais e depois o complementamos com a representação da **expressão**, sendo através dele que demonstramos nossas emoções. Isso exige a ação dos **músculos faciais**.

Para cada sentimento existe uma **expressão facial** (ou **expressão fisionômica**). Algumas expressões mudam pouco o rosto, outras o transfiguram tanto que a pessoa até parece ser outra. Algumas movem poucos músculos, outras tomam o rosto todo.

Numa expressão leve os elementos do rosto são colocados nos mesmos lugares que já aprendemos. Em expressões mais fortes e densas a pessoa pode abrir muito a boca, ou arregalar os olhos, e neste caso, precisamos mudar o tamanho e lugar destes elementos.

Para cada expressão existe uma representação diferente, como veremos a seguir.

ALEGRIA



Foto 1 - Modelo



Figura 2 - Esboço do desenho

Numa expressão de alegria as modificações da fisionomia são mínimas, e pode ser representada com traços finos. Compare esta foto com a do rosto sereno. Observe como os olhos e a boca se modificam surgindo pequenas rugas no canto dos olhos e a boca **"alarga-se"** no sorriso. Os dentes aparecem mais que no rosto sereno, a ruga dos cantos da boca fica mais marcada. Ao desenhar, colocamos os elementos do rosto no mesmo lugar que no rosto sereno mudamos apenas os formatos dos olhos, deixando-os mais marcados nos cantos e abrimos o sorriso, abrindo os cantos da boca e fazendo os lábios mais abertos, mostrando mais os dentes.

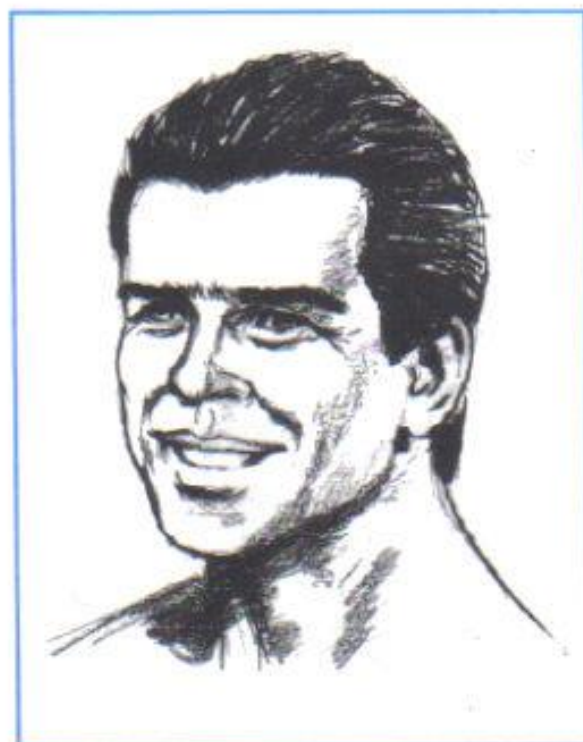


Figura 3 - Desenho pronto

TRISTEZA

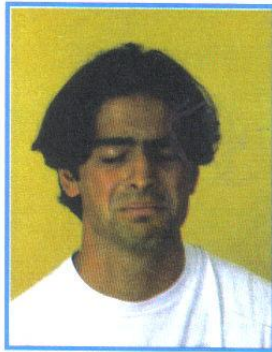


Foto 1 - Modelo.

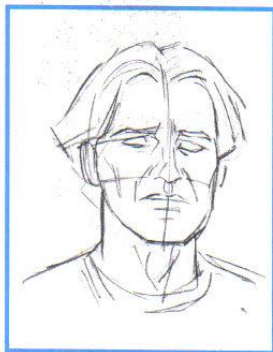


Figura 1 - Esboço do desenho.

Na tristeza temos a boca inclinada para baixo nos cantos. Os olhos estão fechados e as sobrancelhas levemente franzidas, provocando uma ruga no meio delas. Observe como os músculos do lado da boca se contraem, formando rugas ou sulcos. Representamos estas rugas com linhas marcadas. No resto da cabeça, permanece o desenho e as proporções que já conhecemos. O sombreado ajuda a marcar a expressão: sombreando a boca e os olhos, reforçamos as linhas que colocamos para marcar a expressão.

ESPANTO

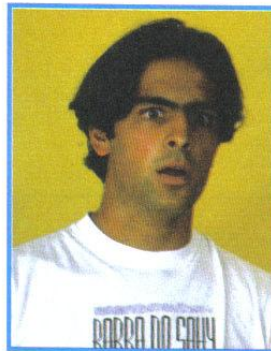


Foto 1 - Modelo.

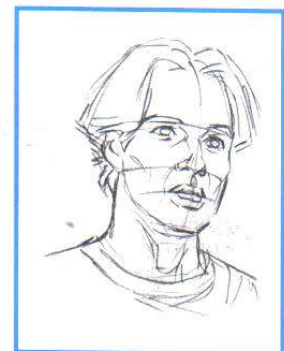


Figura 1 - Desenho esboçado.

Já nesta expressão de surpresa ou espanto, os olhos se arregalaram, a boca se abriu, as sobrancelhas se ergueram. Os olhos ficam **maiores** do que no rosto sereno, as sobrancelhas **mais altas**. A boca fica menor na largura e maior na altura, formando um "O". As pupilas e íris **não estão** mais "ligadas" às pálpebras, elas se **destacam** no branco dos olhos. Observe sempre este tipo de detalhes. As sombras, também aqui, ajudam a reforçar a expressão.

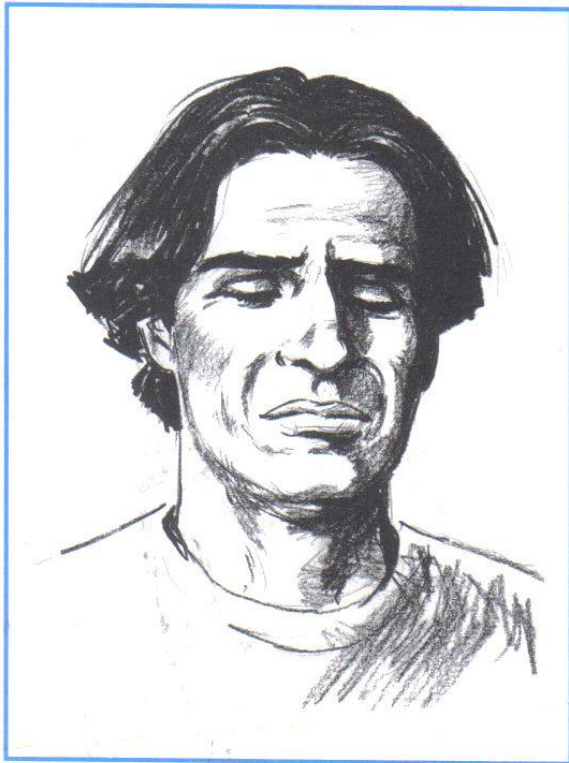


Figura 2 - Desenho acabado.

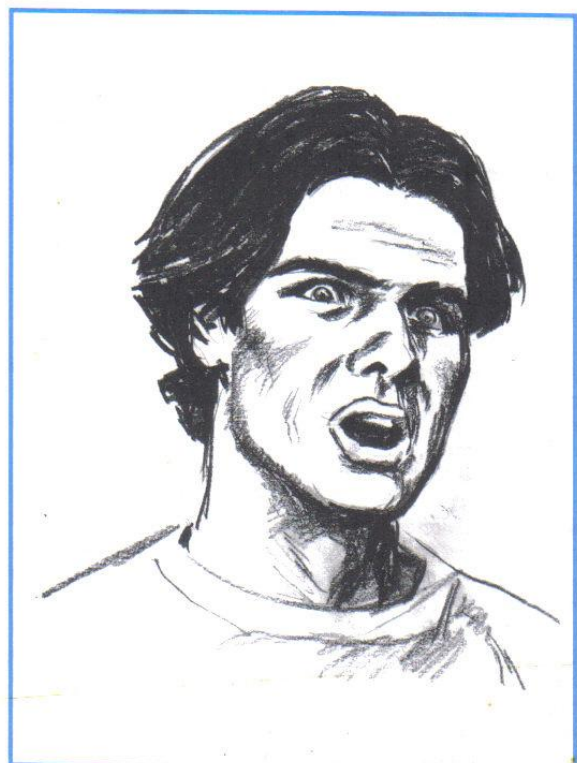


Figura 2 - Desenho pronto.

ÓDIO

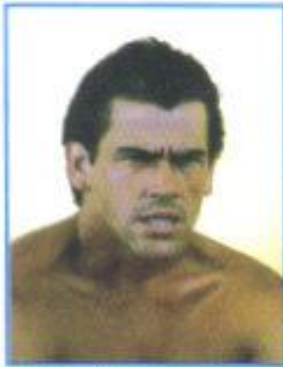
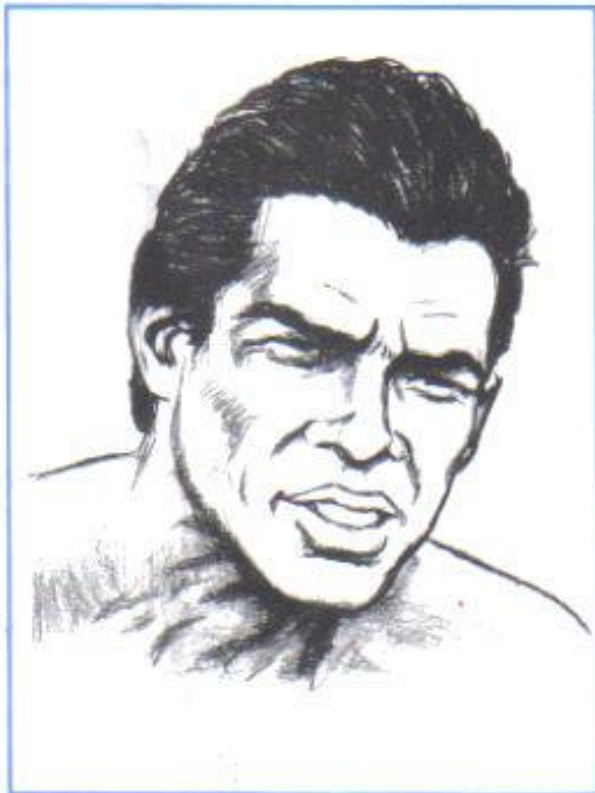


Foto 1 - Modelo



Figura 1 - Esboço do desenho

Numa expressão de ódio, o rosto fica muito alterado, as linhas carregadas. Veja como as sobrancelhas se franzem, mudando de forma. Rugas profundas se formam na testa. A boca está entreaberta, mostrando os dentes, com linhas retas, duras. Os olhos se "espremem", quase fechando. Marcamos estas linhas e as reforçamos com as sombras. Note como as sombras nos olhos servem para reforçar a expressão. Observe como a linha do maxilar se projeta para frente, contraindo os músculos.



DESPREZO

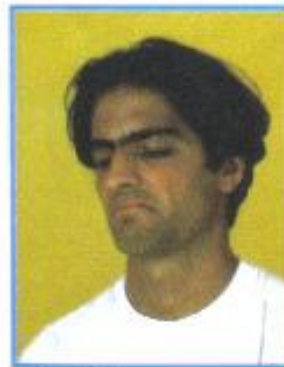
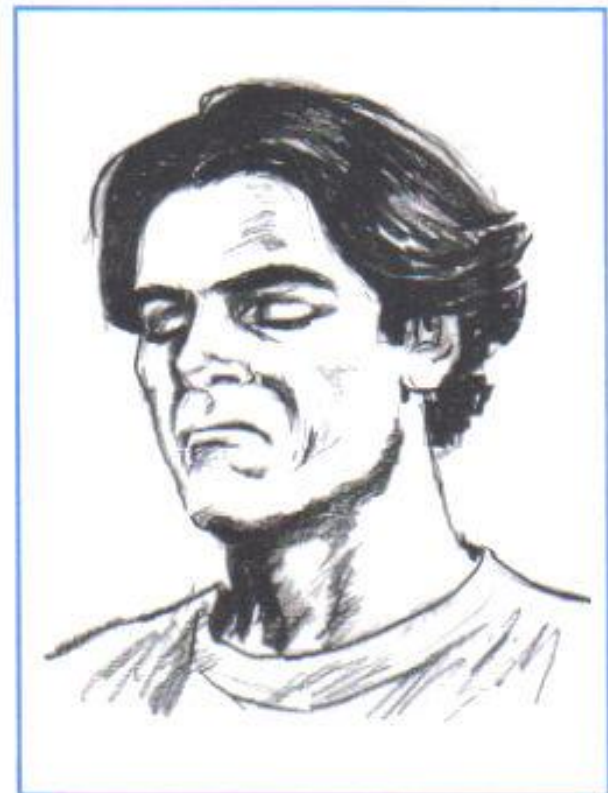


Foto 1 - Modelo



Figura 1 - Esboço do desenho

O desprezo também altera muito o rosto. Os olhos, a boca e as faces são onde estão as principais mudanças. Os olhos estão quase fechados, a boca se contrai, marcando os músculos da face, numa curva para baixo, o queixo também se contrai, formando algumas rugas. Usamos linhas fortes, pois trata-se de uma expressão que modifica muito o rosto. Repare como tanto aqui quanto na expressão de ódio, mudamos as **formas** dos olhos, boca e sobrancelhas mas os **lugares** dos elementos não mudam.



DOR

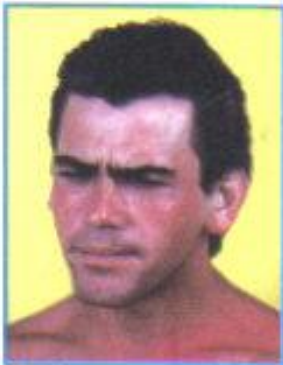


Foto 1 - Modelo.



Figura 1 - Desenho esboçado.

Aqui também há muita contração nos músculos faciais: note como as sobrancelhas se franzem, marcando muito as rugas entre elas. Os olhos se apertam, quase se tornando uma única linha grossa. A boca se contrai, ficando com os lábios finos, os cantos marcados. Traçamos as linhas de expressão e marcamos as sombras para reforçarem o rosto. Aqui também os elementos do rosto permanecem no mesmo lugar que no rosto sereno, alterando-se apenas suas formas.

GARGALHADA



Foto 1 - Modelo.



Figura 1 - Esboço

Para reforçar a expressão há também o movimento, a cabeça se inclina para trás. Agora temos um exemplo onde os elementos do rosto não estão no alinhamento sendo assim, temos que alterá-los para acompanhar esta inclinação, como fizemos na aula passada lembra-se? Note como os olhos e sobrancelhas estão acima da linha das orelhas e a boca na linha das orelhas. Perceba que os olhos ficam rodeados de rugas e se fecham um pouco, as sobrancelhas se erguem, a boca se abre marcando seus lados e mostrando os dentes.

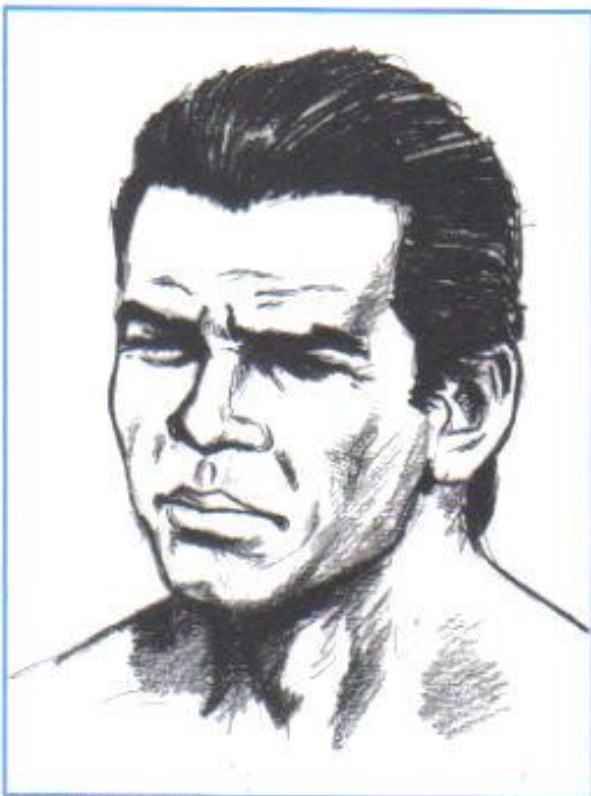


Figura 2 - Desenho esboçado



Figura 2 - Desenho esboçado

e você se adaptou. A principal diferença entre o rosto feminino e masculino está nos traços: o rosto masculino possui linhas mais firmes. O rosto feminino tem linhas curvas, mais leves. As feições do rosto feminino são mais suaves, os olhos têm cílios mais marcados, sendo a boca mais cheia e suave.



Foto 1 - O cabelo feminino é geralmente longo e espalhado. No cabelo preto, note como são poucas as fios que aparecem. O cabelo é apresentado por manchas escuras.

CABELO ESCURO



Figura 1 - Esboço - Aqui começamos o desenho com o esquema que já usamos com o rosto masculino. Note que é igual na estrutura, porém os traços são mais leves e suaves, os olhos são mais arredondados, os cílios mais longos, o rosto mais redondo, o queixo mais curvo. Estes detalhes é que fazem a diferença entre o desenho do rosto do homem e o rosto da mulher.



Figura 2 - Esboço. Veja a representação do cabelo: fazemos um sombreado a partir de linhas que representam os fios do cabelo. Este sombreado é forte pois o cabelo é escuro. Deixamos alguns fios para dar leveza e naturalidade ao desenho. Veja ao lado o desenho pronto: repare nas sombras leves do rosto e nas sombras mais fortes do cabelo.



TERROR

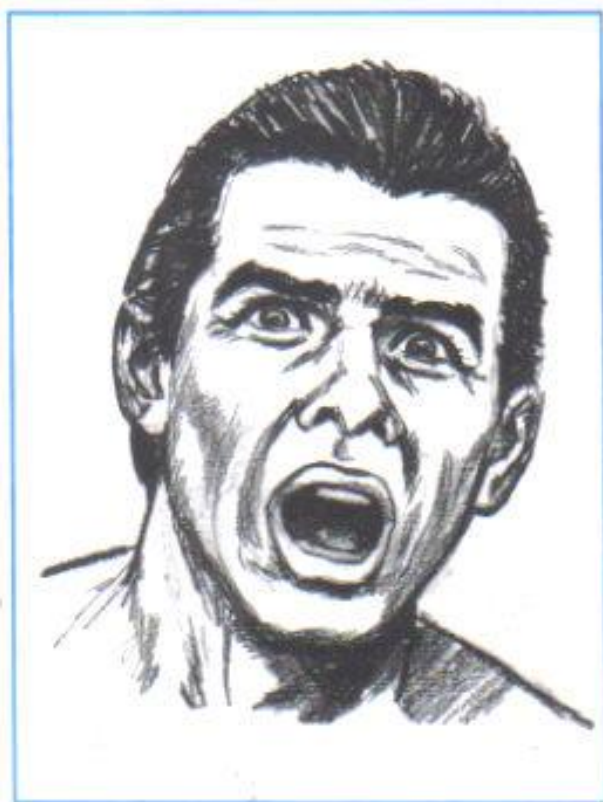


Foto 1 - Modelo.



Figura 1 - Esboço do desenho.

Aqui, a abertura da boca muda a linha do maxilar e o arregalar dos olhos desloca as sobrancelhas. Os elementos do rosto também não seguem o alinhamento convencional. Eles se alteram, devido à expressão: os olhos acima da linha das orelhas, o queixo deslocado para baixo, a boca bem aberta, como se um grito saísse. Não há rugas na face, os músculos se distendem com o medo e se "paralisam".



O DESENHO DA CABEÇA FEMININA

Figura 1 - Esboço do desenho.



Figura 2 - Desenho pronto.



Até aqui desenhamos rostos somente masculinos em várias posições e em diferentes expressões. Lamentamos que para seus desenhos saírem bonitos e perfeitos é preciso muito treino e prática, pois só assim você poderá se tornar um bom desenhista.

Agora passaremos a outros desenhos, ainda dentro do tema "rostos e suas expressões", mais só que desta vez desenharemos os rostos femininos.

Acompanhe então as páginas que se seguem, observando bem cada detalhe como são feitos os traços, as curvas ou as linhas mais suaves, e pratique bastante para poder, com o passar do tempo, desenhá-los cada vez melhor.

CABELO CLARO



Foto 1 - Aqui temos um rosto feminino com cabelo claro. Note como no cabelo claro os fios aparecem mais. Temos diferentes tons de fios, mais claros e mais escuros. Aqui o cabelo não se parece com uma mancha como no cabelo escuro.



Figura 1 - Começamos o desenho com o esboço do rosto. Repare nas linhas suaves, como o rosto é arredondado. O cabelo é desenhado com linhas leves e curvas, mais claras ou mais escuras.



Figura 2 - Acima está o desenho quase pronto. Veja como colocamos sombras leves e mais fortes para representar os diferentes tons do cabelo. Os componentes do rosto são desenhados com leveza e sombras suaves. Compare este desenho com o anterior e veja como aqui o cabelo tem mais fios e sombras mais leves.

UM ROSTO EXPRESSIVO



Foto 1 - Agora vamos desenhar um rosto feminino com expressão. Perceba que, apesar de estar expressivo, o rosto feminino não fica tão marcado pela contração dos músculos quanto o rosto do homem.



Figura 1 - Aqui fazemos o esboço, segundo o mesmo esquema que usamos no rosto masculino. Para dar expressão ao rosto colocamos linhas leves. Repare na boca entreaberta num meio sorriso.



Figura 2 - Aqui vamos completar o nosso desenho com o sombreado. Repare que fazemos as sombras leves, suaves, as linhas curvas, traços finos. Se você marcar demais as linhas o rosto ficará masculinizado.

